

## **Mídias e Discurso: reflexões sobre o processo de ensino e aprendizagem.**

*Erislene Lacerda Pereira<sup>1</sup>*

*leninhapvh@gmail.com*

### **RESUMO**

Este artigo pretende mostrar a importância dos estudos da Análise do Discurso (AD) e o uso das Mídias no/para o processo de ensino e aprendizagem. Assim, sugerimos o uso da AD e das Mídias como proposta de ferramentas que podem facilitar a melhoria da capacidade de aprender a ensinar e ensinar a aprender. Para tanto, veremos um pouco sobre a história da AD e em seguida o que se entende por Mídias e qual a relação existente entre elas, a AD e o ensino. Nessa perspectiva, tentaremos mostrar a relevância de cada vez mais utilizarmos a linguagem midiática integrando-a de maneira inteligente e produtiva, nos tornando sujeitos capazes de leituras plurais, sensíveis a observação das formações discursiva e ideológica, da historicidade e da subjetividade dos educando e conseqüentemente, contribuindo para que nos tornemos cada vez mais, conscientes, críticos, capazes de participar efetivamente do processo de construção da nossa própria história e cidadania.

### **PALAVRAS-CHAVE:**

Mídias. Discurso. Ensino. Aprendizagem.

### **ABSTRACT**

This article shows the importance of studies of discourse analysis (DA) and the use of media in / for the teaching and learning. Thus, we suggest using the AD as proposed and media tools that can facilitate the improvement of learning to teach and teaching to learn. To this end, we will say something about the history of AD, then what is meant by the media and what is the relationship between them, the AD and teaching. From this perspective, try to show the relevance of increasingly utilize the media language integrating it wisely and productive individuals capable of becoming plural readings, sensitive observation of discursive and ideological formations, the historicity and subjectivity of the learner and consequently , helping us to become increasingly aware, critical, able to participate effectively in the process of building our own history and citizenship.

### **KEYWORDS:**

Media. Discourse. Education. Learning.

1. Mestranda do curso de Pós-Graduação em Letras da Fundação Universidade de Rondônia – UNIR.

**Mídias e Discurso: reflexões sobre o processo de ensino e aprendizagem**

Este artigo tem o objetivo de mostrar a relevância da Análise do Discurso (AD) e do uso das Mídias como ferramentas facilitadoras no processo de ensino e aprendizagem. Afinal, como bem diz Silva (2002, p. 54), “a educação sempre foi, e continua a ser, um processo complexo que utiliza meios de comunicação para apoiar ou complementar a ação do docente em sua interação com os estudantes”.

De acordo com Pêcheux (1995), a Análise do Discurso surge de questões oriundas de uma determinada relação entre a Linguística (teoria da linguagem, na figura de Saussure), o Marxismo (materialismo histórico encontrado em Marx, a partir de uma releitura de Althusser) e a Psicanálise (teoria do inconsciente encontrada nas ideias de Freud através de uma releitura de Lacan).

Pêcheux apresenta também as três épocas da AD: AD-1 (1969 – 1975) em que o sujeito tinha a ilusão de que era o criador, o dono de seu discurso, mas na verdade o sujeito era completamente assujeitado aos aparelhos ideológicos do Estado, influência do pensamento althusseriano, além de ter, nessa época, a questão da homogeneidade enunciativa – “supunha implicitamente a homogeneidade enunciativa de cada sequência analisada na medida em que o registro da enunciação e das restrições de seqüencialidade permanecia opaco.” (PÊCHEUX, 1995, p. 95)

Na segunda época da AD, a AD-2 (1975 – 1980), Pêcheux traz a noção de Formação Discursiva (FD), baseada na obra de Foucault. Com essa noção de FD, entendeu-se que a máquina estrutural não é um espaço fechado, mas, sim, um espaço que se enche de elementos que vêm de outro(s) lugar(es), ou seja, de outras Formações Discursivas. Na AD-2 também surge a noção de interdiscurso “para nomear o exterior específico de uma FD, mas o fechamento da maquinaria é conservado” (PÊCHEUX, 1995, p. 161), assim o sujeito continua assujeitado às Formações Discursivas.

Na AD-3 (a partir de 1980) surge o pensamento de Bakhtin com a noção de dialogismo, supõe a heterogeneidade enunciativa – a presença do “discurso-outro”.

De acordo com Orlandi (1999), na análise do discurso procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história. Assim, entende-se, o discurso (objeto da AD) como a representação de pensamentos, ações, sentimentos, silenciamentos, omissões, atos de fala atravessados pelos processos ideológicos, e mais ainda, como a construção social que só pode ser analisada no seu contexto histórico-espacial que resultam nas suas condições de

produção, comportando identidades, diferenças, ambivalências, provocações, relações de poder.

O discurso se concretiza, ou seja, é materializado através de várias linguagens: oral, textual, desenhos, gráficos dentre outras, que deu origem a muitas tecnologias que atualmente chamamos de Mídias, isto é, os novos recursos que o sujeito utiliza para expandir seu discurso. Segundo SANCHO (19998), Mídia é, então, um vasto e complexo sistema de expressão e de comunicação.

O avanço das tecnologias invadiu as instituições, a vida social e individual do sujeito e como não poderia ser diferente invadiu a educação “com o objetivo de formar usuários ativos, criativos, críticos” (DORIGONI e SILVA, 2003, p. 1). Nesse sentido, conforme Buckingham (2003, p. 5), “tornar-se um participante ativo na vida pública necessariamente envolve o uso das mídias modernas”. Entretanto, dada a complexidade do fenômeno, permanece a pergunta: como tratar a mídia pedagogicamente na escola?

A mídia apresenta ao educando o mundo – os sentimentos, o cotidiano, as novidades - de forma mais agradável e sem muito esforço, porém, de acordo com Dorigoni e Silva (2003, p. 36) “A educação escolar precisa *compreender e incorporar mais as novas linguagens*, desvendar os seus códigos, dominar as possibilidades de expressão e as possíveis manipulações. É importante educar para usos democráticos, mais progressistas e participativos das mídias, que facilitem a evolução dos indivíduos.”

As mídias são pontes que abrem a sala de aula para o mundo, que representam, medeiam o nosso conhecimento do mundo. São diferentes formas de representação da realidade, de forma mais abstrata ou concreta, mais estática ou dinâmica, mais linear ou paralela, mas todas elas, combinadas, integradas, possibilitam uma melhor apreensão da realidade e o desenvolvimento de todas as potencialidades do educando, dos diferentes tipos de inteligência, habilidades e atitudes.

As mídias permitem mostrar várias formas de captar e mostrar o mesmo objeto, representando-o sob ângulos e meios diferentes: pelos movimentos, cenários, sons, integrando o racional e o afetivo, o dedutivo e o indutivo, o espaço e o tempo, o concreto e o abstrato. (DORIGONI e SILVA, 2003, p. 4)

Para o uso das mídias no processo de ensino e aprendizagem faz-se necessário conhecimento e discriminação da mídia a ser utilizada ao conteúdo em questão; observar, no educando, as condições de produção, isto é, o resultado dos processos de letramento (aquisição de informações) advindos do ciclo cibernético-sistêmico - que explicaremos mais a frente - é o conjunto resultante da formação discursiva, formação social e formação ideológica que constrói e é construído em, por, com, e para os sujeitos de forma inconscientes, consciente e criticamente.

O diálogo entre o estudo da AD e das Mídias é extremamente rico, pois auxilia na reflexão sobre o uso dessas ferramentas midiáticas, possibilitando desenvolver habilidades para o uso plural das tecnologias da informação e da comunicação. Sendo assim, na busca de compreender a importância da AD neste processo de ensino e aprendizagem faz-se necessário percorrer os caminhos por onde passam os sujeitos da enunciação, resgatando não apenas sua historicidade superficial, mas se aprofundando nas condições e nas relações de produção em que estão inseridos.

Partindo do pressuposto de que as relações enunciativas são uma rede, um emaranhado de texto, hipertextos, gestos, silêncios e tantas outras formas de enunciação, passemos a refletir sobre o quanto o discurso pode contribuir na formação discursiva de um sujeito. E é a Análise do Discurso que se preocupa com o texto enquanto discurso, nos possibilitando um “olhar” sobre este, do ponto de vista social, pois, para ela “O discurso é estrutura e acontecimento.” (PÊCHEUX, 1995, p. 78). É através da Análise de Discurso que podemos nos tornar sujeitos capazes de leituras plurais, de aprender a ler principalmente as entrelinhas, de perceber questões relevantes ligadas à observação das formações discursiva e ideológica, da historicidade, da subjetividade.

Como afirma Orlandi (1999, p. 61):

[...] é tarefa da AD compreender como o texto produz sentido e isto implica compreender tanto como os sentidos estão nele, quanto como ele pode ser lido. Esta dimensão ambígua da historicidade do texto mostra que o analista da AD não toma o texto como ponto de partida absoluto [...] nem como ponto de chegada.

Para entender um discurso, então, é necessário captar o conjunto dos mecanismos utilizados na produção e na significação, que possibilitaram a expressão enunciativa, sabendo que foi preciso planejamento, trabalho, tentativas e correções, até chegar a ponto de produto “acabado”; como diz Bakhtin (1992, p. 337): “Expressar-se significa fazer de si um objeto para o outro e para si mesmo [...] Todo esse “fazer” requer elaboração”. O mesmo processo de planejamento, trabalho, tentativas e correções para chegar ao produto final acontece quando usamos a mídia em sala de aula, no ensinar e no aprender.

As condições atuais permitem repensar sobre o ensino da leitura e da escrita, considerando não só o conhecimento didático acumulado, mas também a contribuição das mídias. Deve-se atentar, então, para a utilização dessa ferramenta como contribuição à prática pedagógica, criando ambientes favoráveis à compreensão do sistema linguístico dentro de uma perspectiva atual.

Além da AD, buscamos a Teoria Cibernético-Sistêmica para nos dar suporte ao entendimento e a relevância das mídias no processo de ensino e aprendizagem. A Teoria Cibernético-Sistêmica é uma teoria dos sistemas de controle baseada na interdependência de comunicação entre todos os seres dentro dos sistemas, vinculados ao meio e aos processos históricos em constante transformação da informação e sua concretização em processos:

- a) Físicos - meio x meio;
- b) Fisiológicos - homem x meio, ou seja, homem sobre o meio;
- c) Psicológicos – homem x homem;
- d) Social – homens x homens.

Esta interdependência sistêmica não poderá ser compreendida no seu todo, uma vez que os sistemas variam tanto no seu interior como no seu exterior, isto é, os atos de comunicação (enunciação) não podem ser vistos como sistemas fechados. Assim, passamos a refletir que o discurso e a utilização das mídias podem contribuir no processo de ensino-aprendizagem de um sujeito. Para isto, é preciso reunir conhecimentos, principalmente neste momento político, histórico e social que vivemos hoje, em que há uma imensa pluralidade de mídias e informações que veiculam entre nós a todo instante. Isto nos remete à consciência de que nenhum discurso é um evento isolado, mas se insere em um meio e em uma historicidade, fatores determinantes das condições de produção, as quais imprimem suas marcas ideológicas, construídas por sujeitos, em sujeitos, pelos sujeitos e para os sujeitos.

Podemos perceber que a relação entre os estudos da AD e o uso das Mídias são complementares e enriquecedores no processo de ensino e aprendizagem. Ao longo dos anos, o avanço das tecnologias vem incitando, no sistema educacional, novas reflexões sobre o ensino, em particular o da língua e, conseqüentemente, provocando profundas transformações sociais, pois é por meio da educação que os indivíduos poderão atuar como cidadãos responsáveis e participantes da sociedade pós-moderna. Como bem afirma Linhares da Silva (2001, p.37), “o impacto das transformações de nosso tempo obriga a sociedade, e mais especificamente os educadores, a repensarem a escola, a repensarem a sua temporalidade”.

De acordo com Hack (2009, p. 237):

A revolução digital modifica a vida em geral. Basta verificar que até mesmo as populações mais carentes precisam aprender a lidar com máquinas de autoatendimento bancário para, com seu cartão magnético, retirar os benefícios que recebem mensalmente. São as redes de computadores e as mídias alcançando

cada vez mais todas as atividades produtivas. Na educação não é diferente. Por isso, é importante ao docente introduzir, de forma crítica e criativa, múltiplas tecnologias em sala de aula.

Porém,

A questão não é inteiramente nova, pois, de certa forma, o professor presencial já mediatiza o conhecimento ao preparar aulas e materiais, por exemplo, ao preparar os tópicos de sua exposição oral, organizá-los em *slides* com imagens estáticas ou em movimento e depois projetá-los em uma tela, durante a aula presencial. O novo está na quantidade de mídias disponíveis hoje, renovadas cotidianamente, o que acarreta uma crescente exigência de qualidade técnica da parte dos docentes, bem como a capacidade de gerenciar tal processo. HACK (2009, p. 241).

O que o professor precisa, além de apreender esses conhecimentos, é se preparar para desenvolver uma nova proposta pedagógica que promova uma ressignificação do estudo da oralidade e da escrita sob a perspectiva da AD e o uso de mídias (lembrando que estas devem ser entendidas como qualquer meio de comunicação) em sala de aula que permita reflexões, em que se realizem pesquisas e implementem projetos que possibilitem a diversificação da visão sobre a metodologia de ensino de leitura e produção de textos.

Como afirma Peters (2001, p. 9):

O professor precisa compreender que na mediatização do conhecimento as tecnologias são instrumentos utilizados para a criação, transmissão e armazenamento de informações, mas ainda falta transformar a informação em conhecimento – onde entra a importância da comunicação dialógica. A novidade não está no auxílio à construção do conhecimento pelo diálogo, mas nas possibilidades que as múltiplas mídias abrem à interação entre as partes envolvidas no processo de ensinar e aprender.

É nesse processo dialógico, ou seja, processo de interação entre os discursos, que ocorre na polifonia, correlacionado com discursos similares, podendo ser simétrico ou controverso, que se encontra um dos pontos mais relevantes no ensinar e aprender sob a perspectiva da AD e das mídias. Assim, no dizer de Belloni (2001, p. 55):

O processo comunicacional docente deixa de ser voltado especificamente para a fala quase exclusiva do professor “repassador de informações” e passa a ser guiado pelo diálogo interativo entre as partes, que pode, inclusive, ser mediado multimidiaticamente, em que o professor é o agente organizador, dinamizador e orientador da construção do conhecimento mediante o auxílio crítico e criativo na seleção das inúmeras informações às quais o aluno é submetido cotidianamente.

Um trabalho de ensino e aprendizado colaborativo, isto é, uma estratégia educativa em que dois ou mais sujeitos constroem o seu conhecimento da discussão, da reflexão e tomada de decisões, e onde os recursos midiáticos atuam (entre outros) como mediadores do processo de ensino-aprendizagem. É o que Pierre Levi explica na Teoria da Aprendizagem Coletiva/Colaborativa, onde defende que grupos sociais organizados, não apenas somam forças e desenvolvem várias habilidades de comunicação e análise crítica, como trocam saberes para compensarem fraquezas e desenvolverem habilidades para lidar com os problemas existentes na sociedade que os cercam.

Podemos, então, verificar que é um momento não só de reflexão, mas principalmente de ação, em que se faz necessário a capacitação de professores para que estes tenham domínio sobre as ferramentas midiáticas, para que saibam *como, quando e por que* utilizá-las com criatividade, de maneira crítica e dentro de um contexto. Assim, Belloni (2001, p. 71) diz que “o professor é o agente organizador, dinamizador e orientador da construção do conhecimento mediante o auxílio crítico e criativo na seleção das inúmeras informações às quais o aluno é submetido cotidianamente”. Docente e discente juntos, em um trabalho colaborativo.

Ainda, de acordo Belloni (2001, p. 82-83):

Para fazer frente a esta nova situação, o professor terá necessidade muito acentuada de atualização constante, tanto em sua disciplina específica, quanto em relação às metodologias de ensino e novas tecnologias. A redefinição do papel do professor é crucial para o sucesso dos processos educacionais presenciais ou a distância. Sua atuação tenderá a passar do monólogo sábio da sala de aula para o diálogo dinâmico dos laboratórios, salas de meios, e-mail, telefone e outros meios de interação mediatizada; do monopólio do saber à construção coletiva do conhecimento, através da pesquisa; do isolamento individual aos trabalhos em equipes interdisciplinares e complexas; da autoridade à parceria no processo de educação para cidadania.

E mais, precisa-se “conhecer as especificidades de cada local e adaptar o processo comunicacional para que a construção do conhecimento aconteça em uma via de mão-dupla, dialogicamente” (BORDENAVE, 1998, p. 57).

É necessário, enfim, que se tomem os devidos cuidados na articulação entre os estudos da AD e o uso das mídias no ensinar e aprender. Como bem diz Hack e Lima Júnior (2006, p. 15):

É preciso, então, após conhecer cada realidade específica, pensar cuidadosamente as estratégias de deflagração do processo que levará à mediação multimidiática do conhecimento e, para tanto, a capacitação dos docentes é um ótimo princípio. Contudo, sempre considerando a necessidade de adaptar as estratégias, pois um programa bem sucedido no Nordeste do país pode ser um fracasso no Sul se não

forem apuradas *in loco* as peculiaridades humanas, estruturais, climáticas, culturais, etc.

Devemos considerar o uso das mídias em diferentes situações de aprendizagem e buscar estabelecer critérios de escolha das técnicas mais apropriadas a cada situação, “lutando contra o modismo focado na invenção técnica e lembrando que a introdução de uma inovação tecnológica na educação deve estar orientada para uma melhoria da qualidade e da eficácia do sistema e priorizar os objetivos educacionais, sem esquecer, no entanto, a enorme influência global destas “ferramentas intelectuais” na sociedade.” (BELLONI, 2001, p. 80)

Portanto, é necessário estudar profundamente as novas tecnologias, pois são responsáveis por várias consequências culturais e sociais. Nesse sentido, é importante considerar que, além de analisar cada mídia integrada às demais mídias disponíveis em seu contexto espaço-temporal, devemos entender que as velhas e novas mídias coexistem, assim como os meios de comunicação ora se integram e complementam, ora competem entre si. (HACK e LIMA JÚNIOR, 2006)

Sugerimos uma reflexão sobre a utilização das mídias, ou seja, qual mídia utilizar? como utilizá-la? Quais estratégias usar para que se possa criar um ambiente de colaboração entre os sujeitos desse processo? Enfim, procuremos, cada vez mais, conhecer a linguagem midiática para que possamos integrá-la, de maneira inteligente e produtiva, nos tornando sujeitos capazes de leituras plurais, sensíveis a observação das formações discursiva e ideológica, da historicidade e da subjetividade dos educando e conseqüentemente, contribuindo para nos tornemos cada vez mais, conscientes, críticos, capazes de participar efetivamente do processo de construção da nossa própria história e cidadania.

## REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. **Aparelhos Ideológicos de Estado**: nota sobre os Aparelhos Ideológicos de Estado. Rio de Janeiro: Graal, 1992.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermanita G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes. 1992.
- BELLONI, Maria L. **Educação a distância**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2001.
- BORDENAVE, Juan D. **Além dos meios e mensagens**: introdução à comunicação como processo, tecnologia, sistema e ciência. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CHARAUDEAU, Patrick de. **Discurso das Mídias**, de Tradução de Ana M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006; 285 pp.
- DORIGONI, Gilza Maria Leite. SILVA, João Carlos da. **Mídia e Educação: o uso das novas tecnologias no espaço escolar**. Polity Press, 2003.
- FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. **Para entender o texto: leitura e redação**. São Paulo: Ática, 1995.
- FOUCOULT, M. **Arqueologia do Saber**. Petrópolis: Vozes, 1971.
- GREGOLIN, M. R. (org). **Discurso e mídia**: a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003
- HACK, Josias Ricardo; NEGRI, Fernanda. **Mídia na escola pública: reflexões sobre a docência no contexto contemporâneo**. Disponível em: <[editora.unoesc.edu.br/index.php/roteiro/article/download/225/15](http://editora.unoesc.edu.br/index.php/roteiro/article/download/225/15)>. Acesso em: 09 ago.2011
- HACK, Josias R. Processo comunicacional docente para a mídiatização do conhecimento na EAD: reflexões sobre um estudo de caso no ensino superior. In: HETKOWSKI, Tânia M.; LIMA JUNIOR, Arnauld S. de (Org.). **Educação e Contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Quartet, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Gestão da Educação a Distância**. Indaial: Asselvi, 2009.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guaraci Lopes Louro. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- ORLANDI, Eni. **Análise de discurso**: Princípios e Procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- PETERS, Otto. **Didática do ensino a distância**. São Leopoldo: Unisinos, 2001.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 2 ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1995.

\_\_\_\_\_. Análise Automática do Discurso (AAD-69). Trad. E. P. Orlandi. In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma Análise Automática do Discurso**: uma introdução à obra de M. Pêcheux. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993.

SANCHO, J. M. (org.). **Para uma tecnologia educacional**. São Paulo: Editora Artmed, 1998.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa**. 3. ed., Rio de Janeiro: Quartet, 2002.